

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-10 – Informação e Memória

LUGARES E ESPAÇOS DA CIDADE: artefatos infor-comunicacionais memorialísticos

Tahis Virginia Gomes da Silva (PPGCI/UEPB)

Maria Nilza Barbosa Rosas (PPGCI/UEPB)

José Mauro Matheus Loureiro (UNIRIO; PPGCI/UEPB)

PLACES AND CITY SPACES: memorialistic infor-communicational artifacts

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Os espaços públicos das cidades são propícios para as práticas que constroem as interligações entre os sujeitos sociais, conseqüentemente, é possível afirmar que a cidade é lugar de produção e consumo de informação e de construção da memória social. Neste artigo se apresenta uma reflexão sobre as inter-relações dialógicas do binômio “informação e memória” por meio das representações constituídas no espaço público das cidades urbanas, a partir de uma revisão de literatura sobre a temática Informação, Memória, Cultura e Cidade, perpassando por textos, abrangendo a década de 90, sobretudo, do fim do século passado até às duas primeiras décadas do século XXI, compreendendo autores trabalhados na área da Ciência da Informação, principalmente, nas discussões que enfocam a Memória social. Esta reflexão intenta ampliar as abordagens que vêm sendo desenvolvidas no GT 10 – Informação e Memória, com ênfase nos estudos que dialogam sobre as inter-relações informação e memória em torno da sociedade contemporânea no âmbito dos programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Trata-se de parte da fundamentação teórica de uma proposta de tese em construção. Concluiu-se que a cidade, com seus lugares e espaços de memória, pode ser compreendida como um artefato infor-comunicacional memorialístico e, portanto, um campo de investigação para os estudos da Ciência da Informação.

Palavras-Chave: Inter-relação Informação-Memória 1. Cidade – Lugares/Espaços de Memória 2. Cidade – Artefato infor-comunicacional memorialístico 3.

Abstract: The public spaces of cities are conducive to the practices that build the interconnections between social subjects, consequently, it is possible to affirm that the city is a place of production and consumption of information and construction of social memory. This article presents a reflection on the dialogical interrelations of the binomial "information and memory" through the representations

constituted in the public space of urban cities, based on a literature review on Information, Memory, Culture and City, passing through by texts, covering the 1990s, especially from the end of the last century to the first two decades of the twenty-first century, comprising authors working in the area of Information Science, mainly in the discussions that focus on social memory. This reflection attempts to broaden the approaches that have been developed in WG 10 - Information and Memory, with emphasis on studies that dialogue on the interrelations between information and memory around contemporary society in the scope of the Graduate programs in Information Science. This is part of the theoretical foundation of a proposed thesis under construction. It was concluded that the city, with its places and spaces of memory, can be understood as a memorialistic infor-communicational artifact and, therefore, a field of investigation for the studies of Information Science.

Keywords: Inter-relation Information-Memory 1. City - Places / Memory Spaces 2. City - Memorialistic infor-communicational artifact 3.

1 INTRODUÇÃO

Na cidade a memória e a informação se interligam e se constroem em cada logradouro, em cada banco de praça, em cada artefato monumental inserido no contexto do espaço público, em cada encontro entre sujeitos sociais, incógnitos que se cruzam no corre-corre da vida fugaz dos ditos tempos fugidios de nossas sociedades contemporâneas, nesta modernidade líquida que escorre por entre os dedos e se esvai como a fumaça de uma xícara de café que se desmancha, mas, deixa no ar o aroma de infinitas possibilidades (CERTEAU, 2014; BAUMAN, 2014).

Os locais – enquanto espaços de memória – representam para o sujeito social uma memória que extrapola a experiência pessoal numa construção de significação sociocultural, uma vez que é possível compreender os espaços de memória através desta dicotomia entre o fixo (o lugar) e o transitório (o espaço), o determinado (o lugar) e o construído (o espaço) (CERTEAU, 2014).

Neste artigo se apresentar uma reflexão sobre as inter-relações dialógicas entre a informação e a memória através das representações estabelecidas no espaço público das cidades urbanas, *indaga-se, portanto, se a cidade, com seus lugares e espaços de memória, pode ser compreendida como um artefato infor-comunicacional memorialístico e, com isso, um campo de investigação para os estudos da Ciência da Informação?* Partindo-se de uma revisão de literatura sobre a temática Informação, Memória, Cultura e Cidade, perpassando por textos, que abarcam os últimos anos da década de 1990 às primeiras décadas do século XXI, envolvendo teóricos abordados na Ciência da Informação, sobretudo, nos debates enfocando a Memória social. Trata-se de partes extraídas da fundamentação teórica de uma

proposta de tese em construção desenvolvida no âmbito de um Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

2 MEMÓRIA: referenciamento

A Memória é “[...] um ato de referenciamento”. (AZEVEDO NETTO, 2005, p.267) é uma representação que perpassa pela singularidade da vivência individual a experiência do convívio no contexto do espaço coletivo, do universo do privado ao universo público (MENESES, 1998, não paginado), presente, sobretudo, “[...] no reconhecimento dos patrimônios culturais” (AZEVEDO NETTO, 2005, p.267) nas inter-relações socioculturais.

A princípio é possível afirmar que a memória surge como um acontecimento individual, particular, próprio de um determinado sujeito, porém, como destaca Maurice Halbwachs (2008), a memória ganha expressividade maior enquanto acontecimento coletivo como fenômeno social, como evento que emerge das transformações constantes vivenciadas nas sociedades. Portanto, conforme o autor, a constituição da memória se estabelece nesta relação de dualidade entre o individual e coletivo.

É possível destacar duas características fundamentais da memória: seu caráter de seletividade, ou seja, sua incapacidade de registrar tudo ou de trazer à tona a consciência tudo que foi registrado; e seu caráter de indução, ou melhor, sua possibilidade de ser manipulada ou produzida por outrem (MENESES, 2002). Com isso, se podem confirmar outros dois aspectos da memória, seu dinamismo e sua mutabilidade, comprovando que “a memória gira em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança” (MENESES, 2002, p.185), portanto, a memória não se paralisa no tempo do acontecimento vivido no passado, mas, permanece em constante transformação.

Partindo da definição de memória como a capacidade “de conservar certas informações, [...] graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1996, p.423), é possível destacar alguns aspectos das primeiras noções de Memória: a) como um fenômeno mental, psíquico; e b) como algo que remete a um acontecimento vivenciado ou testemunhado, pessoal ou coletivamente.

Compreendendo a memória como um fenômeno, amplia-se esta noção inicial e percebe-se a memória enquanto representação, sobretudo, pelo testemunho do vivido, do

vivenciado, que ultrapassa os limites do tempo, renova-se, o que denota seu caráter de readaptação e reinterpretação contínua (AZEVEDO NETTO, 2005; RIBEIRO, [2000]).

Logo, a memória se caracteriza primordialmente como um ato de continuidade. Isto porque a memória não diferencia, não realiza recortes entre passado e presente, mesmo que remeta ao passado, o tornar presente ou o atualizar através do ato de lembrar. E uma vez que “não existem lembranças estáticas” a memória apresenta-se como um “celeiro de possibilidades”, em processo de constante construção dinâmica (RIBEIRO, [2000]).

Unidos a Le Goff (1996, p.423) ainda é possível caracterizar o conceito de memória, através da expressão “conservar certas informações” de onde se pode afirmar que memória é uma seleção, ou recorte daqueles acontecimentos que são mais significativos, ou seja, é um processo de classificação do sujeito social, enfatizando o aspecto da seletividade da memória apontado por Catroga (2001). E, como já foi dito, a memória é, sobretudo, um ato de representação, ressaltando-se as experiências que o sujeito vivenciou e procura atualizar individual ou coletivamente. Consequentemente, se pode afirmar a memória com um processo em permanente e dinâmica transformação, uma construção social, e, portanto, um artefato.

Uma vez que a memória requer suportes que a materializem, tais como linguagens, signos, espaços, formas de registro (de documentação), se pode afirmar que “a memória está atrelada a objetivação” (CATROGA, 2001). A partir da metade do século XX a sociedade contemporânea, principalmente, a ocidental, percebeu o mundo como um “espaço informacional e memorial” (DODEBEI, 2010, p.59) num contexto em que a produção cultural conquistou status científico onde a memória social se manifesta através das expressões de pertencimento e identidade dos sujeitos sociais comunicadas quando os bens são legitimados em suas praticas cotidianas.

Assim sendo, a memória pode ser compreendida como um constructo social, uma tentativa de manter viva a experiência do vivido ancorado no passado que se torna alicerce para o presente expressa através dos objetos – artefatos informacionais – da cultura (AZEVEDO NETTO, 2008).

Tais alegações nos levam a considerar, ainda, a memória na Ciência da Informação, elencando os seguintes aspectos conceituais:

Traz [...] um limiar infor-comunicativo que permite a evocação de uma ‘informação revitalizada’ [...] traz uma peculiaridade que está relacionada a uma individualidade ou a uma coletividade [...], pois essa memória tem por

característica o ‘tear informacional’ [...]. (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p. 135-136).

Onde na Ciência da Informação a memória se apresenta de forma potencialmente informacional estando em constante condição de recuperação e reconstrução.

Tal observação possibilita, portanto, já perceber as correlações entre informação e memória. Sendo possível, desde já afirmar que a informação e a memória são fenômenos polissêmicos e plurais, abertos para uma diversidade de diálogos interdisciplinares, expressos nos mais variados suportes que se manifestam, sobretudo, por meio dos eventos socioculturais (AZEVEDO NETTO 2007; LE GOFF, 1996).

2.2 INFORMAÇÃO: representação

A informação é um fenômeno social que não se limita ao âmbito da pesquisa científica nem a conceitos e teorias de uma única área do saber humano, mas, se mantém em constante diálogo com uma diversidade de ramos do conhecimento, se constituindo a partir das contribuições teóricas e metodológicas de cada uma deles.

Atualmente a informação pode ser compreendida não apenas como um repositório de conhecimentos, mas, acima de tudo, como uma atividade produtiva. Uma composição sociocultural que promove o desenvolvimento do sujeito social.

O anseio, a busca e a armazenagem de informação sempre estiveram presentes no desenvolvimento das civilizações humanas (PINHEIRO, 2011; MCGARRY, 1999).

Em nosso dia a dia nos deparamos com toda uma gama de informação numa quantidade incalculável, fazendo com que desenvolvamos um processo, muitas vezes, de seleção inconsciente, de rejeição ou descarte, aceitação, armazenagem ou utilização da informação que recebemos. E, também, somos nós os construtores de informação, quando definimos novos conceitos ou novas “roupagens” de compreender conceitos já constituídos, reinterpretemos a informação que nos é ofertada (FREIRE; FREIRE, 2009).

A informação é um termo que referencia a ideia de ordem, de organização, de redução de incertezas (MCGARRY, 1999). Pode-se, portanto, afirmar que, no contexto da contemporaneidade, a informação é “a mais poderosa força de transformação [...]” do gênero humano (ARAÚJO, 1991, p. 37). Sendo assim, a informação pode ser compreendida como um dos essenciais instrumentos de promoção do desenvolvimento entre as sociedades através da

qualificação profissional e, como isso, do acesso a uma melhor qualidade de vida (FREIRE; FREIRE, 2009).

As pesquisas que remeteram a informação constituíram-se, no contexto das culturas ocidentais, por dois aspectos (GÓNZALEZ DE GÓMEZ, 1993): a tendência à globalização, permitida pela expansão tecnológica; e a tendência à segmentação, a especialização e a fragmentação. E, a partir de conceitos básicos que podem ser sintetizados nos processos e técnicas de: recuperação, disseminação e transferência de informação (GÓNZALEZ DE GÓMEZ, 1993).

No século XX, é difundida, especialmente a partir da década 70, uma nova concepção de informação, baseada no surgimento de uma emergente visão de sociedade, uma sociedade pós-industrial, a denominada Sociedade da informação. Neste contexto a informação passa a referenciar não apenas o processo de tratamento ou representação de dados, mas, sobretudo, o processo de recuperação e disseminação de fontes informacionais (ALMEIDA, 2009).

A informação remete ao conceito de representação, de construção e organização de um determinado sistema, assumindo, conseqüentemente, conforme Zeman (1970), dois aspectos: em primeiro lugar um quantitativo, mensurável, um padrão de classificação, que apresenta em si o próprio sentido de organização, consistindo na capacidade da matéria ser organizada. E, por seguinte, a informação apresenta-se numa conotação qualitativa, afirmando sua capacidade de organização em si.

Logo, a informação apresenta-se sob o aspecto de representação física do conhecimento onde se pode afirmar que “information is defined as a physical surrogate of knowledge (e.g. language) used for communication”. (FARRADANE, 1980, p. 77). Mas, também considerando a organização ou ordenação das coisas, quando:

A informação apresenta-se-nos em estruturas, formas, modelos, imagens e configurações, em idéias, ideais e ídolos, em índices, imagens e ícones, no comércio e na mercadoria; em continuidade e descontinuidade, em sinais, signos, significantes e símbolos; em inflexões; em presenças e ausências; em palavras, em ações, em silêncios; em visões e em silogismo (SILVA; RIBEIRO, 2002 apud ROBREDO, 2003, p.4).

Portanto, a informação tem significados múltiplos, acontece no contexto de inter-relações socioculturais, onde cada sociedade determina ou condiciona o que é informação para seu grupo, dentro de determinada realidade e de determinado contexto histórico.

Assim sendo, para que a informação exista deve ser significativa, ocorrendo dentro de um contexto de representação, onde a informação tem sentido, é significativa e por sua vez é significante para alguém, afirmando-se que “[...] as pessoas vivem num mundo de significados, elas criam significados, compartilham significados, transmitem significados, e tendem a temer a falta de significado como uma privação terrível” (MCGARRY, 1999, p. 32). Sendo assim, informação é atribuição de significados, não se resumindo à criação de significados meramente de forma pessoal, individual, mas, sobretudo, dentro do contexto da vida e convívio social, pois “atribuímos significado ao nosso mundo ao identificar e relacionar classes de eventos ao invés de casos individuais” (MCGARRY, 1999, p. 32), ou seja, é no seio das construções vivenciadas no âmbito social que a informação assume seu status de poder.

Reforça-se, assim, o caráter da informação como uma produção sociocultural, ou seja, a compreensão da informação como “[...] um artefato [...] criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada – o contexto de sua geração [...]” (PACHECO, 1995, p.21). Enfatizando o processo de criação informacional (AZEVEDO NETTO, 2007).

Enfim, se pode definir informação como:

[...] a qualidade da realidade material de ser organizada (o que representa, igualmente, a qualidade de conservar este estado organizado) e sua capacidade de organizar, de classificar um sistema, de criar (o que constitui igualmente, sua capacidade de desenvolver a organização). É, juntamente com o espaço, o tempo e o movimento, uma outra forma fundamental de existência da matéria - é a qualidade de evolução, a capacidade de atingir qualidades superiores. Não é um princípio que existiria fora da matéria e independentemente dela (como são, por exemplo, o princípio idealista da entidade ou o termo da “entelequia”) e si inerente a ela, inseparável dela (ZEMAN, 1970, p. 157).

Sendo assim, se confirma, mais uma vez, que a inter-relação informação e memória, uma vez que ambas são representações que podem ser compreendidos como artefatos, ou seja, são construções dos sujeitos sociais, carregadas de significação, manifestações dos fenômenos socioculturais e, portanto, suporte identitários.

2.3 CULTURA: artefatos

O termo cultura pode ser considerado um dos mais complexos da língua portuguesa brasileira, indo desde “lavoura ou cultivo agrícola”, que vem da palavra inglesa coulter,

originária do latim culter, com o sentido de “relha o arado” passando pela raiz do latim colere, que significa “cultivar, habitar, adorar e proteger”. (EAGLETON, [2005], p. 9).

Pode-se ainda ressaltar o caráter simbólico e de criação de sentidos presentes nas práticas culturais, onde a ação do ser humano age de forma decisória sobre as representações sociais no que se pode afirmar que “[...] a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo” (LARAIA, 1989, p. 52).

Em vista disto, a cultura “se exprime nas análises dos materiais que a ela concorrem, nas dissociações dos esquemas explicativos das realidades vividas” (PESEZ, 1998.p.179), e se expressa nos e pelos objetos produzidos e significativos para o homem (AZEVEDO NETTO, 2005). As técnicas, os hábitos de alimentação, o vestuário, “as coisas físicas” (MENESES, 1998), os costumes, a vida cotidiana são aspectos da vida do sujeito social, aspectos estes que caracterizam a cultura que se constroem no cotidiano dos cidadãos das cidades urbanas.

Percebe-se, desse modo, que a informação é um fenômeno cultural (SILVA, 2006) a partir de um dos conceitos de cultura como “[...] capital cognitivo e técnico (práticas, saberes, saber-fazer, regras) e um capital mitológico e ritual (crenças, normas, proibições, valores)” (SILVA, 2006, p.32) e informação como um “[...] conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas [...]” (SILVA, 2006, p.32), se reconhece, então, a inter-relação cultura e informação a partir do caráter da materialização física e da abstração mental.

A cultura assume explícita associação com as interferências concretas que influenciam a existência do ser humano como ser social, ou seja, “a relação entre o homem e os objetos [...], pois o homem não pode estar ausente quando se trata de cultura [...]” (PESEZ, 1998, p.181). Uma vez que é através da cultura que são disseminadas informações entre uma heterogeneidade de sujeitos e grupos sociais, através do tempo e do espaço, é, portanto, constituídas significações a partir de interpretações e ressignificações diversas (LOUREIRO; LOUREIRO; SILVA, 2008).

A partir da compreensão de cultura como um conceito polissêmico, se estabelece a cultura como uma construção do ser humano, sendo assim, composta de artefatos.

Se pode, então, definir artefatos como “elementos de memória e de identidade [...], carregados em si mesmos de informações [...]” (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2007, p. 30). Uma vez que os artefatos remetem às práticas, aos comportamentos e principalmente aos fazeres dos sujeitos sociais são carregados de vestígios do passado que trazem marcas no presente.

Caracterizando informação por seu potencial de materialidade, de acessibilidade aos sentidos, por meio de algum suporte (AZEVEDO NETTO, 2007), se pode desta maneira, compreender os artefatos como objetos infor-comunicacionais, carregados de significação.

Além de seu caráter informacional os artefatos carregam em si a capacidade de referenciar as vivências de um determinado *grupo ou indivíduo – enquanto ser social – uma vez que “os artefatos [...] remeterem a marcas e vestígios de natureza histórica e social.” (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2007, p. 31), ou seja, de memória, e como “[...] é difícil conceber uma cultura indiferente à eternidade e que evita a durabilidade [...]” (BAUMAN, 2014, p. 162) a cultura toma nítida e necessária relação com as expressões da memória coletiva de uma sociedade ou grupo social.*

A cultura passa a ser vista como uma entidade que, de forma inconsciente, exprime as relações sociais e culturais dos povos, bem como todo um sistema ideológico e de poder, dentro do tecido social (AZEVEDO NETTO, 2005). Essa afirmação destaca que a cultura pode ser compreendida como um conjunto de artefatos que referenciam a memória (AZEVEDO NETTO, 2007), uma vez que são uma forma de representação e significação social os quais podem se configurar no contexto das cidades urbanas.

2.4 A CIDADE: múltiplos lugares e espaços de memória

O memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar (CERTEAU, 2014, p.176).

Parafraseando Certeau, Giard e Mayol (2009) são pelos relatos de memórias que a cidade sobrevive, através da criação de sentidos de pertencimentos – compreendendo sentidos de pertencimento como o reconhecimento daquilo que é propriedade e/ou patrimônios do sujeito informacional, enquanto pessoa e ser social – e estranhamentos, das representações expressas pelos sujeitos sociais através de suas vivências em seus lugares e espaços de memória (LOUREIRO, 2015).

“A cidade não para, a cidade só cresce [...]”¹, nos versos do poeta percebe-se uma característica da cidade: o movimento. É a dinâmica que move o dia a dia dos transeuntes que passam apressados, sujeitos sociais que apelam “[...] aos serviços de informação, os produtores de recursos informacionais – enfim, os ‘sujeitos informacionais’ [...]” (ARAÚJO,

¹ Trecho da letra da música “A Cidade” composição de João Higino Filho eternizada por Chico Science e a Nação Zumbi.

2013, online) correndo em busca de aproveitar/ganhar/ recuperar o tempo e consumir/produzir informação.

A cidade é um espaço de construção de sentidos, de criação de significados, onde o tempo e o espaço estabelecem uma ligação perceptível (BAUMAN, 2014) em cada esquina, em cada paralelepípedo pisoteado sob os pés dos caminhantes ou em cada janela de vidro dos arranha-céus que nos olham com desdém, despreocupados com a fugaz existência humana.

É possível pensar numa antropologia da cidade, num análise dos fenômenos citadinos que rompem os limites da arquitetura das estruturas do concreto frio e da argamassa e transgride os percursos predeterminados pelos urbanistas, nos convidando a ir além de sua geografia topográfica, uma vez que “é preciso entender que o conhecimento que emana da cidade ultrapassa suas edificações, avenidas e calçadas, pelas pessoas e pelos espaços invisíveis” (SOUZA, 2017, p.15) extrapolando sua aparente indiferença na fria floresta de concreto urbano, em lugares e locais de encontros e muitos desencontros, buscando investigar a cidade “como um celeiro de pesquisa e produção constante do devir” (SOUZA, 2017, p.15). Percebendo a cidade em sua tessitura, em seu potencial enquanto artefato informacional memorialístico, como um potencial campo de comunicação e construção de informação e memória.

Os espaços públicos das cidades promovem as inter-relações entre os sujeitos como atores sociais – uma vez que “o sujeito não pode emergir senão da sociedade” (DEBORD, 2003, p.38) – e produtores/consumidores de informação, onde ruas, avenidas, logradouros, praças etc., tornam possível afirmar que “as formas de sociabilidade tinham – e ainda têm – influência sobre a distribuição e até mesmo sobre a produção do conhecimento” (BURKE, 2003), ou melhor, sobre a construção e o consumo de informação.

Conforme Jacques Le Goff (1998, p.29), “[...] as funções essenciais de uma cidade são a troca, a informação, a vida cultural e o poder”. A cidade é, sobretudo, “um lugar de produção e de trocas” (LE GOFF, 1998, p.25), ou seja, de construção e comunicação de informação. A crescente demanda por informação e por serviços informacionais possibilitou a produção de suportes informacionais de forma nunca imaginada antes, portanto, a cidade é lugar de produção de informação, e de construção de conhecimentos.

Há uma diversidade de lugares nas cidades contemporâneas que podem ser denominados por “espaços públicos” (LE GOFF, 1998; CERTEAU, 2014). Espaços de interação

social, de construção de memórias individuais e coletivas que possibilita esse encontro dual, convivendo simultaneamente em cada sujeito social (HALBWACHS, 2008). Logo esta vasta variedade tipológica, que é o espaço público, distribuído, principalmente, por tamanhos e formatos, compõem um conjunto de categorias. Cada categoria se distancia de padrão ideal de espaço civil indo em direção oposta que, no entanto, se complementam (BAUMAN, 2014).

Na cidade a memória e a informação dialogam em cada recanto, em cada lugar, em cada local, pois “[...] mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos [...]” (ASSMANN, 2001, p.318), construindo-se como um artefato infor-comunicacional que se insere no contexto do espaço público, possibilitando investigar a cidade, observando seu “movimento dialético, contraditório [...] carregado de memória de si mesmo e dos outros, dos lugares e de lugar nenhum, das esquinas e dos objetos [...]” (SOUZA, 2017, p.22) analisando seu discurso impessoal e muitas vezes indiferente às efemeridades cotidianas sem nunca perder de vista “a vida desse meu lugar”² e, é neste contexto de contínua construção interpretativa que possibilita perceber a inter-relação do binômio “informação-memória” constituída a partir das representações do sujeito informacional. Deve-se, portanto, perceber a cidade a partir destas construções dos sujeitos sociais, restabelecendo a relações entre tempo e espaço, buscando o transitório e o durável, o instantâneo e o permanente (BAUMAN, 2014).

A cidade, com seus lugares e espaços de memória pode ser percebida como um artefato infor-comunicacional memorialístico, uma vez que é uma construção carrega de potencial informacional e com lugares que referenciam a memória, um campo de oportunidade para os estudos e reflexões da Ciência da Informação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é um processo de representação constituída através do diálogo permanente entre a dualidade individual e coletivo que constitui a personalidade do sujeito informacional. Proporcionando a construção da identidade do sujeito social que se apresenta *como ser único e individual, mas, sobretudo, como ator social que estabelece laços de identificação e pertencimento no contexto da sociedade em que se insere. E, é nesta relação*

² Trecho da música Encontro e Despedidas composição de Fernando Brant e Milton Nascimento ([19--]).

de identificação – enquanto ser único e social – que o sujeito informacional manifesta suas expressões culturais, constrói suas significações e estabelece o sentido do que lhe é bem particular ou comum a seu grupo e/ou sociedade.

É, pois, através da cultura – material e imaterial – que são produzidas informações e estabelecidas inter-relações entre os diversos grupos sociais, através do tempo e do espaço, constituindo, com isso, o sentido de bem cultural.

Logo, os artefatos infor-comunicacionais são expressão da cultura social que se torna presente em cada relação de identificação e pertencimento vivenciada no contexto das cidades urbanas através de seus lugares e espaços de memória.

A cidade, enfatizando aqui seu contexto urbano, é um território propício para a produção cultural, um campo para a comunicação e construção de informação e com potencial para a constituição de memórias.

Após a reflexão apresentada neste artigo, com base nos textos aqui perpassados e nas observações sobre as inter-relações informação e memória, portanto, se pode afirmar, por ora, que as cidades urbanas, compreendendo seus lugares e espaços, é potencialmente um artefato infor-comunicacional memorialístico e um campo de investigação para Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. de. *A Produção social do conhecimento na sociedade da informação. Informação & Sociedade.: Estudos, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 11-18, jan. / ar. 2009. Disponível em: www.scielo.com.br Acesso em: 20 jul. 2018.*

ARAÚJO, V.M.R.H. de. Informação: instrumento de dominação e de submissão. **Ciência da informação**, Brasília, v.20, n.1, p. 37-44, jan./jun. 1991.

ARAÚJO, C.A.Á. *O sujeito informacional no cruzamento da ciência da informação com as ciências humanas e sociais. In: XIV ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - informação e interação: ampliando perspectivas para o desenvolvimento humano, 14, 2013, Florianópolis, SC. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/142/263> Acesso em: 31 jul. 2018.*

ASSMANN, A. T. Locais. In: _____. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas: Unicamp, 2001.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Cultura, Identidade e Cultura material: a visão arqueológica. In: CAVIGNAC, J. Memória, **Rev. Vivência**, n.28, p.265-275, 2005.

_____. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, UFGD, v. 1, n. 2, p. 1-19, jul./ dez. 2007.

_____. Preservação do patrimônio arquivológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.37, n.3, 2008.

BAUMAN, Z. Tempo e Espaço. In: _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 107-247. [tradução Plínio Dentzien].

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CATROGA, F. **Memória, história e historiografia**. Lisboa: Quarteto, 2001.

CERTEAU, M. de. Terceira Parte – Práticas de Espaço. In: _____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p.157-196. [tradução Ephraim Ferreira Alves].

CERTEAU, M; GIARD, L.; MAYOL, P. **A Invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, [2009]. [Tradução Ephraim Ferreira Alves; Lúcia Endlich Orth].

DEBORD, G. **A Sociedade do espetáculo**. [S.L]: Coletivo Periferia, 2003.

DODEBEI, V. L.D. Memória e informação - interações no campo da pesquisa. In: MARANON, E. I. M. (Org.). Memória: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos, SP: Compacta, 2010, p.59-78.

EAGLETON, T. A Ideia de cultura. São Paulo: Editora UNESP, [2005].

FARRADANE, J. Knowledge, information, and information science. **Journal of Information Science**, v. 2, p. 75-80, 1980.

FREIRE, G. H. de A.; FREIRE, I.M. **Introdução à Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

GÓNZALEZ DE GÓMEZ, M. N. A Representação do Conhecimento e o Conhecimento da Representação: algumas questões epistemológicas. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 3, p.217-222, set./dez. 1993. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000, p.77-89.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2008, p. 224p. [tradução de Beatriz Sidou].

LARAIA, R. de B. **Cultura um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

LE GOFF, J. Memória. In: _____. **História e memória**. 4.ed. Campinas: UNICAMP, 1996, p.423-477.

_____. **Por amor às cidades**: conversas com Jean Lebrun. São Paulo: Unesp, [1998].
[tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes].

LOUREIRO, J. M. M, Informação, memória e patrimônio: breves considerações. In: AZEVEDO NETTO, C. X. de (Org.). **Informação, memória e patrimônio**: diálogos interdisciplinares. João Pessoa: Editora UFPB, 2015. p.97-107.

LOUREIRO, J.M.M.; LOUREIRO, M.L. de. N.M.; SILVA, S.D. *Museus, Informação e Cultura material: o desafio da interdisciplinaridade*. In: XI ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - Diversidade cultural e políticas de informação, 9, 2008. São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em:
<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1027/Museus.pdf;sequence=1> Acesso em: 20 de jul. 2018.

MCGARRY, K. **O Contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília, DF: Biquet de Lemos/Livros, 1999, p. 1-30.

MENESES, U.B. de. **Memória e Cultura material**: Documentos pessoais no espaço público. [SL], 1998. p.89-103. Disponível em: www.scielo.com.br Acesso em: 10 jul. 2017.

_____. Identidade cultural e arqueologia. In: Bose, A. (Org.). **Cultura Brasileira**: temas e situações. 4.ed. São Paulo: Ática, 2002, p.182-190.

OLIVEIRA, B. M. J. F.; AZEVEDO NETTO, C.X. de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, I.; SEVERO, I. (Org.). **Cultura popular**: nas teias da memória. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p. 27-51.

PACHECO, L.S. Informação enquanto artefato. **Informare**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p.20-24, 1995.

PESEZ, J-M. História da cultura material. In: LE GOFF, J. **A História nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 177-213.

PINHEIRO, L.V. R. Gênese da Ciência da Informação: os sinais anunciadores da área: AQUINO, M. A.(Org.). **O campo da Ciência da Informação**. 2.ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2011. p. 59-92.

RIBEIRO, R. R. **Nos jardins do tempo**: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. [2000]. Disponível em:
<<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores=id-11>>

ROBREDO, J. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus: SSRR Informações, 2003.

SILVA, A. M. da. Informação e Cultura; Informação e Conhecimento. In: _____. **A Informação: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico.** Santa Maria da Freira: Edições Apontamento, 2006. p. 15 -41.

SILVA, L.E. F.da; OLIVEIRA, B. J. F. de. MNEMOSYNE INFOR-COMUNICATIVA: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação. Inf. & Soc.: Est., João Pessoa, v.24, n.1, p. 135-143, jan./abr. 2014. Disponível: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/17658/10934>. **Acesso em 26 jul. 2017.**

SOUZA, G. M. de. A Cidade sob um olhar – educação patrimonial e o ensino superior: experiências para o debate. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Paraíba; TOLETINO, A. B.; BRAGA, E. O. (Org.). **Educação patrimonial** [recurso eletrônico]: práticas e diálogos interdisciplinares. João Pessoa – PB: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2017, p. 13-27 (Caderno temático; 6). Disponível em: www.iphan.gov.br
Acesso: 26 jul. 2017.

ZEMAN, J. Significado Filosófico da Noção de Informação. In: COLÓQUIOS FILOSÓFICOS INTERNACIONAIS DE CAHIERS DE ROYAUMONT. **O conceito de informação na ciência contemporânea.** [S.L.]: Paz e Terra, 1970, p.154-179. [Tradução de Maria Helena Kühner].